

de cosmopolita, de vida arquejante e por vezes ríspida, operario de uma faina que com dôr se eleva, pioneiro forçado da larga Terra, marujo do oceano que não tem fim...

Mas a diferença (o seu artigo mo demonstra) é maior ainda e mais profunda. Não somos dois homens muito diferentes: somos substancias incomunicaveis; somos, pelo menos, duas especies diversissimas; somos como um Rouxinol e como um Peixe.—V. é o rouxinol e eu o peixe.

II

Peguei na pena para desfiar os seus comentarios, e desisti. Os peixes compreenderão imediatamente porque assim foi: os rouxinóis dirão mais uma vez que o saudosismo é « invulneravel como as criaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue. » Seria atacar a bisturi o proprio hálito duma deusa...

Criador de divindades com seu sangue imperituro, V. atrai as suas frases humanamente inexplicaveis, quando afirma que o sangue lusitano é uma mistura *em partes iguais* de sangue ariano (?) e sangue semita (1), ou sangue romano e sangue semita (2), donde nasceu a Saudade; que o semita criou o culto do espirito e a *Virgem dolorosa*, e o pobre ária (coitadinho!) só o culto da forma, a beleza objectiva (3); que ter alma e corpo é propriedade exclusiva de alguns dos nossos escriptores (4); que a Turquia foi vencida por se ter germanizado (5); que « pelo desejo a Saudade descende do sangue ariano, e pela dor, do sangue semita » (6); que os dois grandes ramos ethnicos (arianos e semitas) deram origem a todos os povos europeus (7); que nós somos a synthese do paganismo e do cristianismo, ao passo que foi « exclusivamente pagão o povo italiano » (8), quer dizer, o que produziu o mais cristão e admiravel de todos os grandes movimentos mysticos, a cristianissima comoção *nacional* do seculo XIII, de que S. Francisco de Assis, Arnaldo de Brescia, Joaquim de Flora, etc., são as figuras mais interessantes; que é puramente pagã a arte italiana, quer dizer, a que deu ao mundo a forma cristianissima do sentimento cristão nas pinturas de Giotto e de Fra Angelico, e no poema cristianissimo do Dante (9); que « a Inquisição dos Jesuitas » (assim

(1) *O Espirito lusitano*, p. 8.

(2) *O Genio português*, p. 15.

(3) *O Espirito lusitano*, p. 8.

(4) *O Espirito lusitano*, p. 9. O que se tem achado muito extraordinario nos lusitanos é simplesmente o uso da imagem, processo fundamental de *todos* os poetas, de *todas* as linguas, de *todo* o pensamento.

(5) Já não sei onde.

(6) *O Espirito lusitano*, p. 10.

(7) *O Espirito lusitano*, p. 11.

(8) *O Espirito lusitano*, p. 10.

(9) Bastar-lhe-ia abrir a Enciclopedia mais vulgar no nosso país, a do Larousse, para encontrar frases como estas: « C'est pendant se second séjour à Assise que Giotto, pour glorifier Sain François, peignit quatre fresques allégoriques qui sont une des plus pures inspirations de l'art chrétien. C'est la parfaite exaltation du plus sublime idéal religieux que le moyen-âge ait connu. » « Transformé en musée en 1867, ce couvent (San Marco, Florence) est un véritable monument consacré par notre

diz) foi um estrangeirismo desnacionalizador, como o constitucionalismo *francês* (1); que as guerras se produzem porque « as patrias mais selvagens atacam as mais civilizadas (2) » (por onde deduzo que os seus lusiadas eram mais selvagens do que o negro, ou do que o indio do Brazil); que « a Saudade é a essencia do Cosmos, o *Fiat*, o Verbo, a Alma do Mundo » (3); que o poeta estrangeiro nunca passou de « interprete deste ou daquele livro de filosofia », sendo que « no panteismo de Hugo, por exemplo, ha sublimes pensamentos, mas que se não encontra a alma do poeta a criar vida » (4); que isso de criar vida é só para os lusitanos, o que se demonstra com um verso de Antonio Nobre que se diria traduzido de Victor Hugo (5); que só depois de Spinosa viu o mundo poetas panteistas (6); que em materia de poesia « o pessimismo nasceu de Schopenhauer » (7); que só em Portugal « a emoção poetica antecede o pensamento filosofico » (8), pois, « lá fóra, o pensamento filosofico gera a emoção poetica, aquele é anterior a esta » (9); que o *novo* verso saudosista é escultural » (10), como se isso de verso escultural não fosse uma velharia francesa, como tantos outros recursos poeticos que nos afirma inovações; que « a palavra *silencio* na nossa lingua não quer dizer simples ausencia de ruido, como nas outras linguas » (11); que as palavras *medo, lugubre, occulto, espectro, abismo, fantasma* (quasi todas por sinal eruditas, cheirando a rapé, em opposição ás verdadeiras formas nacionais e populares) « são palavras sagradas da nossa Lingua, representam a feição original do genio lusitano, e não encontram porisso nos outros idiomas vocabulos que lhes correspondam » (12); que um escritor francês chegou « a conclusões saudosistas » porque disse umas frases banais em que entram as palavras *ressouvenir* e *pressentiment*, e pronunciou uma não menor banalidade sobre o principio cristão e o princio luciferiano, como se a saudade tivesse alguma coisa a ver com tudo isso) (13); que nos devemos limitar a ser uma republica rural, em plena Europa do se-

sublime artiste (Fra Angelico) à l'exaltation mystique du christianisme. C'est un peintre subjectif et spiritualiste au dernier degré... Pour lui l'art ne devait servir qu'au triomphe de la religion. Son unique préoccupation fut de fixer l'idéal qu'il portait en lui et d'incarner ses visions célestes. Ses oeuvres réfléchent admirablement son âme tendre et rêveuse, la chasteté de son imagination, l'humilité de son caractère, la profondeur de sa foi, la ferveur de sa piété, l'élévation de son esprit et la sainteté de sa vie, vertus qui lui valurent d'être mis au rang des bienheureux (le Beato). On l'a appelé le peintre des rêves sérapiques.»

(1) *O Espirito lusitano*, p. 7 e 11.

(2) *O genio português*, p. 12.

(3) *Idem, idem*, p. 16.

(4) *Idem, idem*, p. 17.

(5) *Idem, idem*, p. 21. « Cai, folhas, cai, tombai, melancolias! »

(6) *Idem, idem*, p. 22.

(7) *Idem, idem*, p. 22.

(8) *Idem, idem*, p. 22.

(9) *Idem, idem*, p. 21.

(10) *Idem, idem*, p. 29.

(11) *Idem, idem*, p. 29.

(12) *Idem, idem*, p. 33.

(13) *Idem, idem*, pag. 44.

culo xx (1); que « o que torna o Sentimento da Saudade *extraordinario* e nosso, é o haver nascido na alma do povo, e não do temperamento excepcional de certos individuos » (2); que « a tendencia da alma portugueza para a religiosidade (muito originaes somos nós!) é uma forma da saudade » (3); que « é necessaria a fundação definitiva da Igreja lusitana, devendo ela ficar integrada no Estado e por ele superiormente dirigida, sendo o Estado representado, é claro, por autenticos portuguezes de inteligencia e coração » (4); que « a saudade é criação, perpetuo casamento fecundo do Mal com o Bem, da Vida com a Morte » (5); que « Camões é um Neptuno etereo, banhando plagas de estrelas » (6); que « a Nau, em movimento sobre as ondas, descreve o proprio ritmo da Saudade » (7); que « foi a Saudade, transfigurada em Acção e Victoria no corpo de Afonso Henriques, que riscou na Iberia as fronteiras de Portugal » e « a Saudade que venceu em Aljubarrota » (8); que... que...

E para comentario de tudo isto, reboam aos meus ouvidos as palavras do « filosofo do saudosismo », seu comentador e seu discipulo: « Essa obra (a sua, Pascoais) seria uma absoluta metafisica, integral e definitiva. E é-o. » (9)

Veja, Pascoais: V. deu ao mundo, não só a metafisica absoluta e definitiva, mas ainda no-la deu integral, completa, inteirinha: nada deixou por fazer á humanidade. Pois não é um absurdo que por esse mundo — em gabinetes, universidades, bibliotecas, — se continue a trabalhar, a discutir e a comentar? Que lhe resta a fazer á humanidade senão gastar dois tostões, e comprar um dos seus livros?

V. mesmo declara que « tão grande é este sonho, que se não atreve a acreditá-lo *em voz alta* »: só em voz alta V. não acredita que o seu saudosismo é « a precursora luzerna matutina do novo sol espiritual que a Humanidade espera... » (10)

E no meio de frases que me deliram, eu encontro-me a pensar num mundo fantastico e serafico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os passaros dão flor, e das gingeiras brotam homens, como das nossas brotam ginjas...

Pois que é isto, santo Deus, donde veio? Será sempre essa

(1) *O Espirito lus.*, p. 17.

(2) *Comentarios* á minha pessoa, « *Águia* » n.º 22, p. 105.

(3) *O Espirito lusitano*, p. 14. Todas as originalidades que o meu amigo atribue ao povo portuguez são comuns a todos os povos europeus, ou a todos os povos, ou a toda a animalidade: a *ideia-sentimento*, a festa do S. João, que não é para o nosso povo o asceta comedor de raizes, etc. etc.

(4) Essa igreja do Estado, dirigida por autenticos portuguezes inimigos de inovações estrangeiras, existiu já: chamou-se Inquisição. Tambem ela era a *intransigencia no campo religioso* que o meu amigo declarou ser. (« *Águia* » n.º 10, p. 114) uma das virtudes do saudosismo.

(5) *Comentarios*, « *Águia* » n.º 22, p. 107.

(6) *O Espirito lusitano*, p. 9.

(7) *O Genio portuguez*, p. 24.

(8) *O Espirito lusitano*, p. 14.

(9) « *A Águia*, » I vol. p. 198.

(10) *O Genio portuguez*, p. 46.

nossa terra a dos Espectros e Sonâmbulos? Ah, Pascoais, Pascoais, meu querido amigo: V. é um puro, excelso e nobilissimo poeta, mas uma vitima tambem desse ambiente social, como nós todos: desse horrivel Isolamento que V. louva e eu maldigo; do assassino trabalho secular da Purificação. V. adora e bemdiz a Purificação e o Isolamento, como os Moabitas adoravam o Moloch devorador:—esse devorador de crianças que é a figura da nossa escola, como as chamas do seu ventre são a imagem da Inquisição!

III

Consequente, o meu poeta exclama: «Louvemos o isolamento em que ele (o povo português) tem vivido!» (1)—Como a historia se repete na nossa terra desgraçada! Pois que significa esta palestra, senão um minimo episodio (minimo, decerto, porque eu não sou ninguem) na grande luta portugueza entre o Isolamento e a Cultura, entre a Inquisição e o Humanismo, entre os Jesuitas e Verney, entre Pina Manique e os *pedreiros livres*, entre os *rigoristas* e os *francêses*, entre os Ouriquistas e Herculano, entre o grupo de Castilho e Antero de Quental?

IV

Deixo pois a aventesma «invulneravel como as criaturas sobre-humanas», e tratarei ao de leve duas materias importantes: o valor tonificante do culto do passado, e as relações do «ruído da Materia», da «electricidade e do carvão de pedra», com os grandes surtos da Alma, nestes tempos que o meu caro julga «embrutecidos de estreito materialismo mercantil», «escuros e dolorosos», e que eu creio ao contrario os mais luminosos, idealistas e esperançados de toda a historia. É pela leitura de certos poetas que se insinua no meu espirito a escuridão e o desalento, e pela de certos economistas que me alvorecem dentro d'alma os soberbos idealismos. «A Economia Politica,—diz um economista contemporâneo,—é a sciencia das roseas esperanças»...

A Europa, o mundo civilizado da electricidade, não é tão suja, bronca, sceptica, encarvoada, como lhe parece em Amaranthe; e não é comnosco (ai de nós!) que a Inglaterra manufactureira aprenderá o idealismo...

Mas revertamos ao passado:

O culto do passado, meu poeta, é um efeito e não a causa das energias atuais,—quando ha energias atuais. Se o Poincaré em Londres sustentou «que um povo, quando quer encontrar energias novas, tem de ir procurá-las ao passado»,—disse o Poincaré uma vacuidade diplomatica, uma simples retórica de brinde politico. Ou por outra: criou um mito que lhe é util para os seus fins presidenciais. Não se grangeiam energias no passado; é esse um erro de cronologia e uma reversão da ordem logica: *as energias veem primeiro do*

(1) *O genio português*, p. 11.

presente; e quando sentimos energias novas criamos um Deus ou herói propício á nossa imagem e semelhança; criamos um mito projectado no passado ou na eternidade, onde as energias actuais se transpõem heroicizadas. . .

Na decadência nacional ou no esplendor, ha sempre o culto do passado. A nossa historia lho demonstra: onde houve idolatria do passado como no Portugal da decadência? Nas épocas de fraqueza, porém, esse culto é frio, retórico, bolorento, como a propria alma do presente; e nos tempos de vigor é vivo, forte, ditirambico, como a propria alma que o fabrica. Não são as energias do passado que suscitam as do presente, mas as energias do presente que, ressuscitam as do passado.

O mesmo succede aos historiadores. Os que «ressuscitam o passado» não são os que estudam mais a fundo: são os que, concentrando em seu espirito bastante vida *do presente*, a fazem estuar diante de nós sob as caraças de outras eras. Puxa a locomotiva pelo vagão? Empurra o vagão a locomotiva? O resultado, para quem vê de fóra, é sempre igual: mas quem entra lá para dentro logo descobre em dois minutos que é do Presente-Locomotiva que toda a força dimanou. A carcassa do passado vem sempre a reboque: quando os diplomatas dizem o contrario, lá sabem eles porque é que o dizem.

Cita-me o presidente de «Paris de França»; deixe-me recorrer ao mesmo metodo, mas citando autores da nossa terra — os dois grandes mestres da nossa terra — portugueses e não luzitanos, da especie a que chama *estrangeiros*.

Herculano:

«*Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições, senão sons ocos, que não correspondem a nenhuma idea? Suponhamos, porém, que todas essas recordações chegavam ao povo. Podem elas servir-lhe de exemplo, e de lição para as suas necessidades actuais? Num país onde a riqueza passageira destruiu os habitos do trabalho e da economia, entorpeceu pela miseria, resultado infalivel da prosperidade ficticia, a energia do coração, que faz lutar o homem com a adversidade e vencê-la, de que serve estar de continuo a prègar ao povo: — Teus avós levaram o terror do seu nome aos confins do mundo, saquearam e queimaram emporios opulentos em plagas remotas, meteram a pique poderosas armadas, derribaram os templos alheios, violaram as mulheres extranhas, passaram á espada os que eram menos valorosos que eles, abriram caminho ao engrandecimento dos outros povos da Europa, e afeitos a gosos faceis, depuseram aos pés do absolutismo as suas velhas franquias, beijaram os grilhões que lhes deitavam aos pulsos porque eram dou-rados, e ternaram-se lubribio do mundo?» (*Opusculos*, tomo III, 111-112.)*

Antero de Quental:

«Que é pois necessario para readquirirmos o nosso logar na civilização? *Quebrar resolutamente com o passado. . . A nossa fatalidade é a nossa historia*». (*Causas da decadência dos povos penin-sulares*).

Na impossibilidade de citar agora muitos estrangeiros em meu sufragio, limitar-me-ei a Guizot:

«Quando em vez de avançar para o futuro, uma nação não invoca senão lembranças e imagens do passado, é então que a decadência é verdadeira; pouco importa o tempo que a sociedade leva a cair: desmorona-se com um desabamento incessante». (*Histoire des Origines du Gouvernement Réprésentatif*, 2.^o leçon).

E já que estamos em citações, ao seu exemplo dos literatos belgas operei a de um grande sociologo: «E' preciso abrir os olhos á evidencia, e reconhecer que o genio de um povo ou de uma raça, em vez de ser o factor dominante e superior dos genios individuais que se imagina serem os seus productos e manifestações passageiras, é simplesmente o rotulo comodo, a sintese anonima das originalidades individuais, unicas verdadeiras, unicas eficazes e atuantes que estão em fermentação continua em cada sociedade, graças aos seus emprestimos incessantes e á troca fecunda de exemplos com as sociedades vizinhas. O genio colectivo impessoal, é pois *função* e não factor dos genios individuais». (Tarde, *Les lois sociales*, 44-45) «A estes genios colectivos, entidades ou idolos metafisicos, attribuia-se outrora uma originalidade imaginaria, aliás muito mal definida». (Ibid., 43).

«Ai de nós se não tiveramos passado», exclama o Pascoais convictamente: «nele murmura a fonte onde bebemos novas energias!» Em sua opinião «uma Patria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos seculos». Já lhe não falo nessas Patrias que se réformam aos nossos olhos, em opposição ao seu passado: para um puro luzitano um japonês não é gente; mas nada me impede de perguntar:— e antes de as Patrias terem seculos? Como se formaram Patrias novas sem as energias necessarias de um passado inexistente? Serão as Patrias como as pescadas, que antes de o serem já o eram? Vá que nos seja necessario firmar no Portugal de D. Manuel: mas ao Portugal de Aljubarrota falecia esse bordão. Poderia comtudo abordoar-se no Portugal de D. Diniz. Muito bem: e o Portugal de Afonso Henriques? Foi do passado de Portugal que o Portugal de Afonso Henriques arrancou as energias?

Não sei eu se estes assertos, e alguns outros semelhantes, o justificam de me attribuir certos intuitos pavorosos, como o de «pretender eliminar Camões». Caramba! Pois eu pretendo realmente eliminar Camões? Dir-se-ia que fui eu quem lhe previu o caímento — para breve (muito breve!) — quando apparecesse o Super-Dito, matematicamente anunciado. Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou!

V

Passemos á materialidade com que me imblema, ao meu scepticismo e carvão de pedra, inoculados pela Europa «nestes tempos embrutecidos de estreito materialismo».

O meu amigo pretende primeiro o progresso espirital; obtido

ele, « o resto nos será dado em excesso ». *Ora a minha tese é que o progresso moral de um povo está dependente do seu progresso economico.* Ainda aqui a sua ordem é invertida pelos factos.

Cada estado de economia determina os limites da moral pública; quer dizer: os limites entre os quaes poderá ser a pregação verdadeiramente operosa. Como sabe, a quantidade maxima de assucar solúvel em dada porção de agua aumenta com a temperatura. Nesta minha comparação, o assucar é a moral, e a temperatura o estado economico: ha para cada grau de temperatura economica um certo grau de saturação moral, que só poderá ser excedido pelo previo levantamento do estado crematístico. Quem visita os países de industria avançada, e porisso mesmo de salario maximo, como a Inglaterra, encontra o operario nobilitado, humano, com o sentimento da dignidade, resolvendo as suas questões pelos processos da discussão pacifica; quem fôr ás regiões de atraso economico, e por isso mesmo de salario minimo, como a Italia meridional, verá um bruto trabalhador, epileptico no proceder e sanguinario, sem características racionais, sem dignidade e sem nobreza. O nosso pessimo estado moral é consequencia, como eu já disse algures, da economia parasitaria. Já pensou, Pascoais no que seria o seu espirito se tivesse nascido na miseria, e sido obrigado de criancinha a trabalhar espasmodicamente?

A estatistica é uma invenção de Satanás; e tão satânica, que revelou uma relação de dependencia entre a moralidade feminina e o preço do trigo. Nos anos em que sobe a economia, diminue a prostituição; nos anos de mau « mercantilismo », querido poeta idealista, não cante versos ás raparigas se não quer ter desilusões. . .

Para que a moral vá sucessivamente ganhando as mais baixas camadas da sociedade, cumpre que as condições economicas vão permitindo esse resultado. Cada melhoria no material da grande massa da população é uma base para o desenvolvimento da sua vida espirital; porisso as virtudes democraticas florescem sobre um desafogo suficientemente generalizado, sobre a distribuição equilibrada da riqueza. Os alicerces da democracia politica são abertos na economia: a humanidade ergue seus templos, como os gregos, no alto da dura solidez dos promontorios de granito (1).

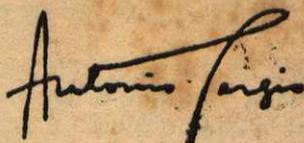
Para defesa da minha pessoa farei uma pequena observação. Não é da Europa, meu amigo, que me veem horas de scepticismo; é de Portugal e dos portugueses. Depois, sou sceptico em relação a dadas coisas, mas não o sou em relação a outras. Creio na ascensão da humanidade, na possível regeneração da minha patria; sou sceptico a respeito de muita idea, como as virtudes da saudade e as profecias do Bandarra. Ligo de feito muita importancia aos problemas economicos, mas em circumstancias de me defender com uma frase de Herculano, segundo a qual o bem material de outrem é para nós um caso de ordem moral; e não tendo eu a propensão, nem

(1) As reformas livre-cambistas reclamadas no *Rebate* seriam um prologo de primeira ordem para a acção moralizante.

o gosto, nem a aptidão para o negocio, posso atestar-lhe que me é necessario muito mais esforço, sentimento do dever, — idealismo, em suma, — para tratar quaisquer negocios que para escrever as minhas liricas — literariamente côxas e mesquinhas, bem o vejo, mas que até hoje ninguém negou que fossem nobres, idealistas e sinceras.

Numa carta particular, querido amigo, que com esta irá, mais curialmente lhe poderei dizer quanto o estima e o venera, o seu muito grato admirador

Rio de Janeiro.



Por falta absoluta de espaço não posso responder, neste número da «Água», à carta do meu querido e admirado Amigo Antonio Sergio. Ficará para o próximo número. — TEIXEIRA DE PASCOAES.

ILIBISCUS MIRABILIS

(Malva ou Rosa Louca)

A Henrique Wenceslau



OGO ao alvorecer, a corolla contracta,
Ella, a um raio de luz que em claridade a inunda,
Abre timidamente, esquiua e pudibunda,
Alva como o afflorar da espuma na cascata.

Meio dia. Ao calor que sensual a circunda,
Córa, córa, inda mais, em ancias, timorata.
Ruborisa-se, emfim! e não mais se recata:
— E' a seiva! E' o sangue! E' o sol! E' a vida! Ei-la fecunda!

Desce a tarde. E' a exastão. E' o deliquio. Fenece.
Volve a empallidecer, mas já não irradia
No primitivo albôr de hostia ou de uma alma em prece.

E' o amarellecer da cêra e da agonia.
E' o desmaiar de quem a gloria e a dôr conhece.
De ser virgem, ser mãe e morrer num só dia!

Rio de Janeiro. 1913.

